

Chris Lisboa nos conta, com sua linda e potente poesia, o percurso da vida de uma menina que tinha uma mancha, de início no rosto, mas que foi crescendo, lhe tomou todo o corpo e alcançou sua existência.

Era uma menina em busca de sua identidade, lutando para se desgrudar do olhar dos outros, pois o que eles viam era só a mancha.

Nessa batalha, dormia vencedora e acordava vencida. Seus pensamentos lhe diziam para não se deixar escravizar, mas sua emoção discordava e sua dor transbordava.

Na tentativa de se livrar dos olhares que vinham de fora e se instalavam dentro dela, escolheu não mais sair de casa.

Solução extrema para um problema contornável? Fraqueza, covardia? Impossível julgar.

O que é traumático e paralisante para uma pessoa não é vivido da mesma forma por outra. O limite do suportável é de cada um/uma.

Os traumas são cumulativos e, conforme a história de vida, vão ganhando significados e cristalizando sentidos.

Podem ser barreiras a serem superadas ou armaduras coladas na pele, até mesmo como estratégia de defesa da vida.

Nossa menina pareceu ter superado a barreira construída diante do abandono da mãe e da rejeição dos colegas da escola, mas sucumbiu diante da decepção amorosa; acreditou-se capaz de ser amada, e despencou do alto do seu sonho. Fragilizada, não pode perceber a falta de amorosidade do outro; atribuiu a si a insuficiência fatal, a monstrosidade.

A linguagem poética nos convida a ampliar sentidos, deixa margens para voos próprios a cada leitor.

Pensei em outras manchas que nos marcam na vida, manchas que não são visíveis, não estão no corpo, e que no extremo também promovem uma atitude de não mais sairmos de “casa”; não investir no outro, na vida, implicando inibição, recolhimento e empobrecimento afetivo.

Em minha viagem, imaginei que no final dessa história, a menina escuta dentro de si a voz de sua irmã Otávia, que então, só podia ser vista no porta-retrato, mas que continuava viva lhe falando ao coração; acho que enfim, ela ouviu.

E, quem sabe, pode se libertar dos espelhos alheios, e viver sua vida, no presente de seus 98 anos.